



Espírito

Revista Digital de Animação Vocacional

Ano IV - Abril de 2021 - Edição 14

VOCAÇÃO E DIÁLOGO: COMPROMISSO DE AMOR.

V CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA
"CRISTO É A NOSSA PAZ"

V CAMPANHA DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA
"CRISTO É A NOSSA PAZ:
DO QUE ERA DIVIDIDO,
FEZ UMA UNIDADE."
(Mt 23,6)

"FRATERNIDADE E
DIÁLOGO, COMPROMISSO
DE AMOR"



28 DE MARÇO
Coleta Nacional de Solidariedade
Domingo de Ramos



Nesta Edição

Editorial..... 03

PALAVRA DA IGREJA

MENSAGEM DO PAPA PARA A CF/2021..... 04

58º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES... 07

TEMA VOCACIONAL

A ÍNDOLE FRATERNA DA VOCAÇÃO CRISTÃ 14

Pe. Danilo da Silva Pacheco SDV

POEMA VOCACIONISTA

VIDA DO BEATO JUSTINO..... 18

Ir Genailton de Oliveira Araújo SDV e Rafael de Oliveira

CELEBRAÇÃO VOCACIONAL

CRISTO NÓS CONVIDA AO DIÁLOGO E RESPEITO
PARA COM O DIFERENTE..... 21

Pe. Carlos Valério de O. Oliveira- SDV

CONTO VOCACIONAL

APENAS UM SONHO..... 28

Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV

A Revista Espírito Digital é uma publicação da Sociedade Divinas Vocações – Província do Brasil. Rua Esperanto, nº 07, São Caetano . CEP: 40391-232. Salvador-BA.

Equipe de Direção:

Diretor Presidente: Pe. José Carlos Lima SDV.

Diretor Administrativo: Pe. Albino Thiago Santos de Jesus SDV.

Editor Geral: Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV.

Revisor Geral: Pe. Luis Jonas Carneiro de Oliveira SDV.

OBS: Os artigos assinados não representam necessariamente o pensamento da Revista.

EDITORIAL

Caríssimos irmãos e irmãs que nos acompanha nesta publicação trimestral de animação vocacional. Mais uma vez nos encontramos para partilhar ideias, esperanças, experiências e, acima de tudo, nos empolgarmos sempre mais no serviço às vocações.

Nesta edição nos detivemos na temática da CFE/2021. A mensagem do Papa, o artigo do Pe. Danilo e a celebração aqui publicados, pretendem nos levar a esta motivação de viver e servir às vocações derrubando barreiras e nos aproximando cada vez mais como irmãos e irmãs que somos, ao menos diante de Deus. Além disso, publicamos também um poema em vista da preparação da canonização do Beato Justino Russolillo, que ainda aguarda uma data para o evento em Roma. Publicamos também a mensagem do Papa para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, porém não foi possível preparar uma Celebração Vocacional correspondente, como é de costume, devido a publicação desta muito próxima à data de lançamento desta edição.

Concluimos este editorial com a forte esperança de continuar servindo às vocações e especialmente animando as pessoas que se dedicam a esta causa. Que Nossa Senhora das Divinas Vocações nos acompanhe e guie nesta jornada, intercedendo ao Deus Uno e Trino por todos nós.

Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV



MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AOS FIÉIS BRASILEIROS POR OCASIÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2021¹

Queridos irmãos e irmãs do Brasil!

Com o início da Quaresma, somos convidados a um tempo de intensa reflexão e revisão de nossas vidas. O Senhor Jesus, que nos convida a caminhar com Ele pelo deserto rumo à vitória pascal sobre o pecado e a morte, faz-se peregrino conosco também nestes tempos de pandemia. Ele nos convoca e convida a orar pelos que morreram, a bendizer pelo serviço abnegado de tantos profissionais da saúde e a estimular a solidariedade entre as pessoas de boa vontade. Convocamos a cuidarmos de nós mesmos, de nossa saúde, e a nos preocuparmos uns pelos outros, como nos ensina na parábola do Bom Samaritano

¹ **Fonte:** http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2021/documents/pa-pa-francesco_20210217_messaggio-fraternita-brasile.html

(cf. Lc 10, 25-37). Precisamos vencer a pandemia e nós o faremos à medida em que formos capazes de superar as divisões e nos unirmos em torno da vida. Como indiquei na recente Encíclica *Fratelli tutti*, “passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais num consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta” (n. 35). Para que isso não ocorra, a Quaresma nos é de grande auxílio, pois nos chama à conversão através da oração, do jejum e da esmola.

Como é tradição há várias décadas, a Igreja no Brasil promove a Campanha da Fraternidade, como um auxílio concreto para a vivência deste tempo de preparação para a Páscoa. Neste ano de 2021, com o tema “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor”, os fiéis são convidados a “sentar-se a escutar o outro” e, assim, superar os obstáculos de um mundo que é muitas vezes “um mundo surdo”. De fato, quando nos dispomos ao diálogo, estabelecemos “um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro” (*Ibidem*, n. 48). E, na base desta renovada cultura do diálogo está Jesus que, como ensina o lema da Campanha deste ano, “é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade” (Ef 2,14).

Por outro lado, ao promover o diálogo como compromisso de amor, a Campanha da Fraternidade lembra que são os cristãos os primeiros a ter que dar exemplo, começando pela prática do diálogo ecumênico. Certos de que “devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos”, no diálogo ecumênico podemos verdadeiramente “abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus” (Exort. Apost. *Evangelii*

gaudium, n. 244). É, pois, motivo de esperança, o fato de que este ano, pela quinta vez, a Campanha da Fraternidade seja realizada com as Igrejas que fazem parte do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC).

Desse modo, os cristãos brasileiros, na fidelidade ao único Senhor Jesus que nos deixou o mandamento de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou (cf. *Jo* 13,34) e partindo “do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade” (Carta Enc. *Fratelli tutti*, n. 271). A fecundidade do nosso testemunho dependerá também de nossa capacidade de dialogar, encontrar pontos de união e os traduzir em ações em favor da vida, de modo especial, a vida dos mais vulneráveis.

Desejando a graça de uma frutuosa Campanha da Fraternidade Ecumênica, envio a todos e cada um a Bênção Apostólica, pedindo que nunca deixem de rezar por mim.

Roma, São João de Latrão, 17 de fevereiro de 2021.

58º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

[25 de abril de 2021 - IV Domingo da Páscoa]

“São José: o sonho da vocação”

Queridos irmãos e irmãs!

No dia 8 de dezembro passado, teve início o Ano especial dedicado a São José, por ocasião do 150º aniversário da declaração dele como Padroeiro da Igreja universal (cf. Decreto da Penitenciaria Apostólica, 8 de dezembro de 2020). Da parte minha, escrevi a carta apostólica *Patris corde*, com o objetivo de “aumentar o amor por este grande Santo” (concl.). Trata-se realmente duma figura extraordinária e, ao mesmo tempo, “tão próxima da condição humana de cada um de nós” (introd.). São José não sobressaía, não estava dotado de particulares carismas, não se apresentava especial aos olhos de quem se cruzava com ele. Não era famoso, nem se fazia notar: dele, os Evangelhos não transcrevem uma palavra sequer. Contudo, através da sua vida normal, realizou algo de extraordinário aos olhos de Deus.

Deus vê o coração (cf. 1 Sam 16, 7) e, em São José, reconheceu um coração de pai, capaz de dar e gerar vida no dia a dia. É isto mesmo que as vocações tendem a fazer: gerar e regenerar vidas todos os dias. O Senhor deseja moldar corações de pais, corações de mães: corações abertos, capazes de grandes ímpetos, generosos na doação, compassivos para consolar as angústias e firmes para fortalecer as esperanças. Disto mesmo têm necessidade o sacerdócio e a vida

consagrada, particularmente nos dias de hoje, nestes tempos marcados por fragilidades e tribulações devidas também à pandemia que tem suscitado incertezas e medos sobre o futuro e o próprio sentido da vida. São José vem em nossa ajuda com a sua mansidão, como Santo ao pé da porta; simultaneamente pode, com o seu forte testemunho, guiar-nos no caminho.

A vida de São José sugere-nos três palavras-chave para a vocação de cada um. A primeira é sonho. Todos sonham realizar-se na vida. E é justo nutrir aspirações grandes, expectativas altas, que objetivos efêmeros como o sucesso, a riqueza e a diversão não conseguem satisfazer. Realmente, se pedíssemos às pessoas para traduzirem numa só palavra o sonho da sua vida, não seria difícil imaginar a resposta: «amor». É o amor que dá sentido à vida, porque revela o seu mistério. Pois só se tem a vida que se dá, só se possui de verdade a vida que se doa plenamente. A este propósito, muito nos tem a dizer São José, pois, através dos sonhos que Deus lhe inspirou, fez da sua existência um dom.

Os Evangelhos falam de quatro sonhos (cf. Mt 1,20; 2,13.19.22). Apesar de serem chamadas divinas, não eram fáceis de acolher. Depois de cada um dos sonhos, José teve de alterar os seus planos e entrar em jogo para executar os misteriosos projetos de Deus, sacrificando os próprios. Confiou plenamente. Podemos perguntar-nos: “Que era um sonho noturno, para o seguir com tanta confiança?” Por mais atenção que se lhe pudesse prestar na antiguidade, valia sempre muito pouco quando comparado com a realidade concreta da vida. Todavia São José deixou-se guiar decididamente pelos sonhos. Porquê? Porque

o seu coração estava orientado para Deus, estava já predisposto para Ele. Para o seu vigilante “ouvido interior” era suficiente um pequeno sinal para reconhecer a voz divina. O mesmo se passa com a nossa vocação: Deus não gosta de Se revelar de forma espetacular, forçando a nossa liberdade. Transmite-nos os seus projetos com mansidão; não nos ofusca com visões esplendorosas, mas dirige-Se delicadamente à nossa interioridade, entrando no nosso íntimo e falando-nos através dos nossos pensamentos e sentimentos. E assim nos propõe, como fez com São José, metas elevadas e surpreendentes.

Na realidade, os sonhos introduziram José em aventuras que nunca teria imaginado. O primeiro perturbou o seu noivado, mas tornou-o pai do Messias; o segundo fê-lo fugir para o Egito, mas salvou a vida da sua família. Depois do terceiro, que ordenava o regresso à pátria, vem o quarto que o levou a mudar os planos, fazendo-o seguir para Nazaré, onde precisamente Jesus havia de começar o anúncio do Reino de Deus. Por conseguinte, em todos estes transtornos, revelou-se vitoriosa a coragem de seguir a vontade de Deus. Assim acontece na vocação: a chamada divina impele sempre a sair, a dar-se, a ir mais além. Não há fé sem risco. Só abandonando-se confiadamente à graça, deixando de lado os próprios programas e comodidades, é que se diz verdadeiramente «sim» a Deus. E cada «sim» produz fruto, porque adere a um desígnio maior, do qual entrevemos apenas alguns detalhes, mas que o Artista divino conhece e desenvolve para fazer de cada vida uma obra-prima. Neste sentido, São José constitui um ícone exemplar do acolhimento dos projetos de Deus. Trata-se, porém, de um acolhimento ativo, nunca de abdicação nem capitulação; ele “não é um homem resignado passivamente. O seu protagonismo é corajoso

e forte” (Carta ap. Patris corde, 4). Que ele ajude a todos, sobretudo aos jovens em discernimento, a realizar os sonhos que Deus tem para cada um; inspire a corajosa intrepidez de dizer “sim” ao Senhor, que sempre surpreende e nunca desilude!

Uma segunda palavra marca o itinerário de São José e da vocação: serviço. Dos Evangelhos, resulta como ele viveu em tudo para os outros e nunca para si mesmo. O Povo santo de Deus chama-lhe castíssimo esposo, desvendando assim a sua capacidade de amar sem nada reservar para si próprio. Libertando o amor de qualquer posse, abriu-se realmente a um serviço ainda mais fecundo: o seu cuidado amoroso atravessou as gerações, a sua custódia solícita tornou-o patrono da Igreja. Ele que soube encarnar o sentido oblato da vida, é também patrono da boa-morte. Contudo o seu serviço e os seus sacrifícios só foram possíveis, porque sustentados por um amor maior: “Toda a verdadeira vocação nasce do dom de si mesmo, que é a maturação do simples sacrifício. Mesmo no sacerdócio e na vida consagrada, requer-se este género de maturidade. Quando uma vocação matrimonial, celibatária ou virginal não chega à maturação do dom de si mesmo, detendo-se apenas na lógica do sacrifício, então, em vez de significar a beleza e a alegria do amor, corre o risco de exprimir infelicidade, tristeza e frustração” (Ibid., 7).

O serviço, expressão concreta do dom de si mesmo, não foi para São José apenas um alto ideal, mas tornou-se regra da vida diária. Empenhou-se para encontrar e adaptar um alojamento onde Jesus pudesse nascer; prodigalizou-se para O defender da fúria de Herodes, apressando-se a organizar a viagem para o Egito; voltou rapidamente

a Jerusalém à procura de Jesus que tinham perdido; sustentou a família trabalhando, mesmo em terra estrangeira. Em resumo, adaptou-se às várias circunstâncias com a atitude de quem não desanima se a vida não lhe corre como queria: com a disponibilidade de quem vive para servir. Com este espírito, José empreendeu as viagens numerosas e muitas vezes imprevistas da vida: de Nazaré a Belém para o recenseamento, em seguida para Egito, depois para Nazaré e, anualmente, a Jerusalém, sempre pronto a enfrentar novas circunstâncias, sem se lamentar do que sucedia, mas disponível para dar uma mão a fim de reajustar as situações. Pode-se dizer que foi a mão estendida do Pai Celeste para o seu Filho na terra. Assim não pode deixar de ser modelo para todas as vocações, que a isto mesmo são chamadas: ser as mãos operosas do Pai em prol dos seus filhos e filhas.

Por isso gosto de pensar em São José, guardião de Jesus e da Igreja, como guardião das vocações. Com efeito, da própria disponibilidade em servir, deriva o seu cuidado em guardar. “Levantou-se de noite, tomou o menino e sua mãe” (Mt 2, 14): refere o Evangelho, indicando a sua disponibilidade e dedicação à família. Não perdeu tempo a cismar sobre o que estava errado, para não o subtrair a quem lhe estava confiado. Este cuidado atento e solícito é o sinal duma vocação realizada. É o testemunho duma vida tocada pelo amor de Deus. Que belo exemplo de vida cristã oferecemos quando não seguimos obstinadamente as nossas ambições nem nos deixamos paralisar pelas nossas nostalgias, mas cuidamos de quanto nos confia o Senhor, por meio da Igreja! Então Deus derrama o seu Espírito, a sua criatividade sobre nós; e realiza maravilhas, como em José.

Além da chamada de Deus – que realiza os nossos sonhos maiores – e da nossa resposta – que se concretiza no serviço pronto e no cuidado carinhoso –, há um terceiro aspeto que atravessa a vida de São José e a vocação cristã, cadenciando o seu dia a dia: a fidelidade. José é o «homem justo» (Mt 1, 19) que, no trabalho silencioso de cada dia, persevera na adesão a Deus e aos seus desígnios. Num momento particularmente difícil, detém-se «a pensar» em tudo (cf. Mt 1, 20). Medita, pondera: não se deixa dominar pela pressa, não cede à tentação de tomar decisões precipitadas, não segue o instinto nem se cinge àquele instante. Tudo repassa com paciência. Sabe que a existência se constrói apenas sobre uma contínua adesão às grandes opções. Isto corresponde à laboriosidade calma e constante com que desempenhou a profissão humilde de carpinteiro (cf. Mt 13, 55), pela qual inspirou, não as crónicas da época, mas a vida quotidiana de cada pai, cada trabalhador, cada cristão ao longo dos séculos. Porque a vocação, como a vida, só amadurece através da fidelidade de cada dia.

Como se alimenta esta fidelidade? À luz da fidelidade de Deus. As primeiras palavras recebidas em sonho por São José foram o convite a não ter medo, porque Deus é fiel às suas promessas: «José, filho de David, não temas» (Mt 1, 20). Não temas: são estas as palavras que o Senhor dirige também a ti, querida irmã, e a ti, querido irmão, quando, por entre incertezas e hesitações, sentes como inadiável o desejo de Lhe doar a vida. São as palavras que te repete quando no lugar onde estás, talvez no meio de dificuldades e incompreensões, te esforças por seguir diariamente a sua vontade. São as palavras que descobres quando, ao longo do itinerário da chamada, retornas ao

primeiro amor. São as palavras que, como um refrão, acompanham quem diz sim a Deus com a vida como São José: na fidelidade de cada dia.

Esta fidelidade é o segredo da alegria. Como diz um hino litúrgico, na casa de Nazaré reinava «uma alegria cristalina». Era a alegria diária e transparente da simplicidade, a alegria que sente quem guarda o que conta: a proximidade fiel a Deus e ao próximo. Como seria belo se a mesma atmosfera simples e radiosa, sóbria e esperançosa, permeasse os nossos seminários, os nossos institutos religiosos, as nossas residências paroquiais! É a alegria que vos desejo a vós, irmãos e irmãs que generosamente fizestes de Deus o sonho da vida, para O servir nos irmãos e irmãs que vos estão confiados, através duma fidelidade que em si mesma já é testemunho, numa época marcada por escolhas passageiras e emoções que desaparecem sem gerar a alegria. São José, guardião das vocações, vos acompanhe com coração de pai!

Roma, São João de Latrão, 19 de março de 2021, Solenidade de São José

A índole fraterna da vocação cristã.

Pe. Danilo da Silva Pacheco SDV

É intrínseco à vocação cristã a índole fraterna. É do encontro com Jesus, nas águas do batismo, que acolhemos o compromisso imperioso por Ele disseminado: “amar ao próximo como a si mesmo”. Este amor irrestrito ao próximo decorre da íntima comunhão que devemos ter com o Senhor. A vocação cristã nos inclina a ver o outro como meu próximo, como um outro de mim. Esta faceta da vocação cristã reflete um Deus que se revela como comunhão de amor entre Si e convida o ser humano a vislumbrar tal mistério.



A quaresma, no seio da comunidade cristã, sempre foi um período de autorreflexão. É o tempo favorável, como diz o apóstolo Paulo, a “nos deixarmos reconciliar com Deus”. Nestes quarenta dias somos chamados a intensificarmos a oração, o jejum, a partilha do pão e a conversão pela revisão de nossas práticas e posturas diante da vida, diante do nosso entorno. Este tempo nos convida a contrição. Não a uma contrição que remeta ao medo dos castigos de Deus, mas antes de tudo como resultado da graça que permite o reconhecimento dos nossos pecados e o sincero arrependimento.

A Igreja no Brasil, com longa tradição, nos propõe a campanha da fraternidade como um gesto concreto de viver a contrição, de viver a conversão e de mostrar vivamente que o amor mútuo é intrínseco a vocação cristã. Em outras palavras a campanha da fraternidade é fruto da sensibilidade quaresmal. Este ano a campanha tem a participação de outras comunidades cristãs, configurando assim uma CF ecumênica que tem sua edição realizada de cinco em cinco anos, que envolve as Igrejas que fazem parte do CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs). Deste modo, pode se afirmar que a edição ecumênica da CF, como gesto concreto, alarga a compreensão de que a fraternidade é inerente à vocação dos cristãos. O tema corrobora o que já foi afirmado: “Fraternidade e Diálogo: Compromisso de Amor”. Isto significa dizer que o amor é um compromisso impresso na vocação batismal de todos os crentes, sem amor não se escuta, não se repone ao Senhor da Messe. O lema igualmente fortalece a índole fraterna da vocação cristã: “Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade” (Ef 2.14a). Podemos falar ainda da vocação a unidade; um só rebanho, um só Pastor... A solidariedade e o amor ao próximo nos

fazem colocar de lado o que nos separa e nos fazem caminhar pela trilha do que nos aproxima, isto é, Cristo Jesus. Pode se dizer que isto é também um gesto concreto de amor fraterno.

A CF nos ínsita vocacionalmente a uma confissão de fé que busca iluminar um tempo com inúmeros desafios como racismo, violência, xenofobia e práticas de ódio. Quer elucidar também uma humanidade renascida no amor de Jesus. Deste amor decorre a busca da paz, como itinerário de cada batizado que se faz vocacionado e vocacionada do Senhor. Sem dúvidas, o caminho que nos leva a verdadeira paz é a comunhão e esta é expressão característica da comunidade dos crentes. O chamado do Senhor da Messe nos tempos atuais nos inquieta a redescobrirmos a força e a beleza do diálogo como caminho de relações mais fraternas. Isso exige que cada cristão tenha a mentalidade da cultura do amor como forma a superar a cultura do ódio. Ao se unirem, as diversas comunidades cristãs reforçam a vocação fundamental ao amor, pois busca desconstruir mentalidades e posturas de violências que amiúde se pratica indevidamente em nome de Jesus. O diálogo é a imagem do bom testemunho vocacional das comunidades cristãs. É antes de mais nada, um compromisso com nosso batismo que apresenta entre outros significados o de participar em unidade na diversidade humana. Nos ajuda a perceber que a diversidade presente na criação não é negativa, mas é revelação da grande amorosidade de Deus para com a humanidade. Não há nada que possa justificar a inimizade e a anulação da diversidade humana. A CF ainda nos provoca a pensarmos e repensarmos cotidianamente nossa forma de estar no mundo. Este pensar e repensar nada mais é que a conversão que perpassa gradualmente a vocação cristã e nos indaga

como nos envolvermos com as transformações sociais, econômicas, espirituais individuais e coletivas, a fim de que sejamos cada vez mais coerentes com os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos.

Por conseguinte, não se pode falar de vocação sem se debruçar sobre a questão da fraternidade. Não se pode pensar em fraternidade sem que esta seja emanada da compreensão vocacional. Vocação e fraternidade tornam-se face de uma mesma moeda. A campanha da fraternidade de 2021 quer dar clarividência de que vocação cristã nos remete a analisar os acontecimentos recentes que marcam nossa história e com Cristo e em Cristo, buscar saídas que sejam coerentes com a Boa Nova do Evangelho. Nos impele ainda à busca da paz, urgente ao Reino. Esta paz deve invadir, com a graça do Espírito Santo o nosso *modus vivendi*. Que o exemplo da conversão do apóstolo Paulo, que passou de perseguidor das Igrejas primitivas a alguém que promoveu a coexistência e superação dos conflitos entre judeus e gentios, nos encorajem nesta árdua empreitada.

Vida do Beato Justino

Ir Genailton de Oliveira Araújo SDV e Rafael de Oliveira

I

Salve o Beato Justino
Que cumpriu sua missão
De dedicar sua vida
Em nome da vocação
Inaugurou nova era
Que hoje a igreja espera
Sua canonização.

II

Nascido em Pianura
Em 18 de Janeiro
Fez brotar lá na Itália
E depois no mundo inteiro
Gosto para discernir
A vocação a seguir
E o chamado verdadeiro.

III

Menino muito esforçado
E bastante inteligente

Fez primeira comunhão
Com Cinco anos somente
Para entrar no seminário
Os exames necessários
Superou brilhante mente.

IV

Seminarista aos 10 anos
Enfrentou muita pobreza
Para pagar os estudos
Causando grande tristeza
Mas o seu bispo então
Convenceu certo barão
Cobrir partes das despesas.

V

Sua saúde tão débil
No caminho pra ser padre
Poderia ser dispensado
Mas por sua santidade
Os superiores dão a ele

Mas atenção com particularidade.

VI

As Divinas Vocações

Foi sua grande conquista

Nascida dentro de suas férias

Ainda seminarista

Mesmo com pouca saúde

Ajudava a juventude

Sendo aí catequista.

VII

Em 1920

Funda o Vocacionário

Na Igreja São Jorge marte

Onde ele era vigário

Com atitude tão nobre

Acolhendo a classe pobre

Pra dentro do seminário.

VIII

Consagrando as mulheres

Pois teve aí grande luz

Vendo em José e Maria

Formadores de Jesus

Viu na parte feminina

Missão de ajuda divina

Pra carregar nossa cruz.

IX

Depois de muito lutar

Chegou então o seu dia

Foi um 02 de Agosto

Já tendo Leucemia

Após a extrema unção

Encerrou sua missão

Partindo com alegria.

X

“Hoje” completam 100 anos

Das Divinas vocações

Sociedade presente

Em diversas regiões

70 no Brasil

Onde a ordem seguiu

Cumprindo as mesmas missões.

XI

Eu te peço senhor

Esta é minha oração

Que neste tempo jubilar

Trabalhem com dedicação

Ajudando a as pessoas
A discernirem a vocação.

XII

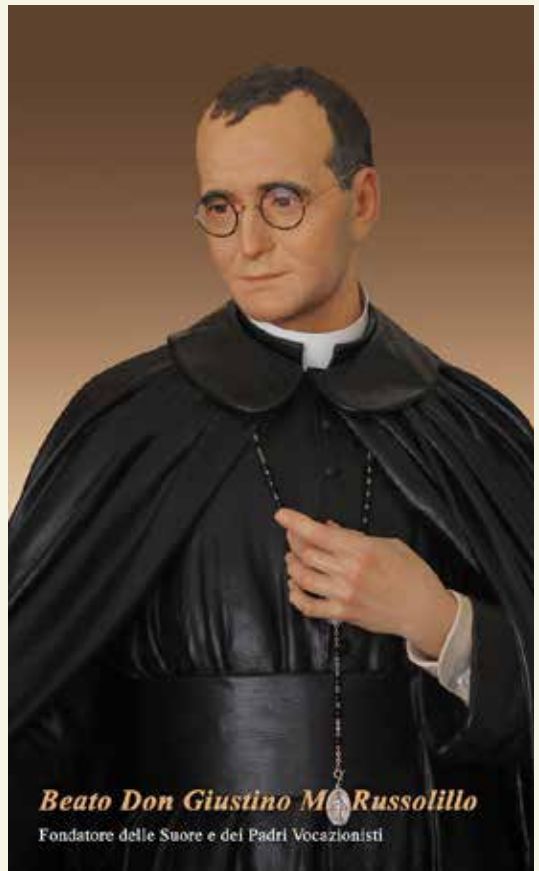
A família Vocacionista
Falo com sinceridade
Os trabalhos que eles fazem
É com amor e responsabilidade
Pois ajudam o ser humano
A viver em santidade.

XIII

Obrigado dom Justino
Por nos deixar tal legado
Falando das vocações
Como algo sagrado
Muito alegres ficamos
E agora esperamos
Que seja canonizado.

XIV

Para encerrar
Peço à família de Nazaré
Que essa sagrada família
Ajude-nos a viver na fé
Por isso eu vos saúdo irmãos
Jesus, Maria e José!



CRISTO NOS CONVIDA AO DIÁLOGO E RESPEITO PARA COM O DIFERENTE.

Pe. Carlos Valério de O. Oliveira- SDV.

Ambiente: Organizar um espaço com um poço (simbolizando o que Jesus se encontra com a samaritana), Bíblia, vela, fotos de pessoas de diferentes culturas, classe, religião, cor, etc.

1- ACOLHIDA:

ANIMADOR (A): Amados irmãos e irmãs sejam todos bem vindos(as)!

Deus em sua divina sabedoria e criatividade, cria cada ser humano diferente um do outro. Ninguém é criado a partir de uma mesma forma, o que não torna ninguém uma cópia do outro. Todas essas diferenças compõem a grande obra de arte do Criador; e a beleza da obra se dá justamente na sua diversidade. Diante disso, percebe-se que as diferenças que distinguem cada ser humano, em relação ao



outro, não surge da sua própria vontade, mas de Deus. Conviver com o diferente é, portanto, parte do projeto divino a cada ser humano.

Com alegria, iniciemos este nosso encontro invocando entre nós a presença da Santíssima Trindade: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

2- ENTRADA DO CÍRIO E SÍMBLOS VOCACIONAIS.

(Enquanto se canta, entra o círio e os símbolos das vocações específicas, os quais serão colocados ao lado do poço, previamente preparado).

Canto: *a escolha*

3- MOMENTO DO PERDÃO.

ANIMADOR (A): Reconhecendo nossas fragilidades, supliquemos a misericórdia de Deus.

Leitor 1: Perdão Senhor, por todas as atitudes de intolerância religiosa, social, racial, as quais nos conduzem à violência, desrespeito e ao cancelamento do outro em nossas vidas e na sociedade.

Leitor 2: Perdão Senhor, pelas vezes que nós, animadores(as) vocacionais, movidos pelos preconceitos, caímos na tentação de não acolher e não acompanhar os teus vocacionados (as), por considerá-los “impuros”, e não dignos de assumir uma vocação específica em tua igreja.

Leitor 2: Perdão Senhor, por nossa incapacidade de sentarmos junto ao poço do diálogo, da acolhida, do respeito e do perdão, assumindo assim a atitude de julgamento e juiz dos nossos irmãos.

Canto penitencial:

1- Pelos pecados erros passados por divisões na tua igreja ó Jesus.

Ref: Senhor piedade! Senhor piedade! Senhor piedade! Piedade de nós (bis).

2- Quem não te aceita quem te rejeita pode não crer por ver cristãos que vivem mal.

Ref: Cristo piedade! Cristo piedade! Cristo piedade, piedade de nós (bis).

Hoje se a vida é tão ferida, deve-se a culpa e a indiferença dos cristãos!

Ref: Senhor piedade! Senhor piedade! Senhor piedade! Piedade de nós (bis).

4- ESCUTA DA PALAVRA.

Canto de acolhida da palavra: A escolha

Leitor: Proclama o texto de Jo 4, 1-30.

5- REFLETINDO A PLAVRA.

Animador(a): Ao olharmos para a vida de Jesus, percebe-se, que em suas relações, ele sempre primou pelo caminho do diálogo. Para Ele, todo e qualquer obstáculo no caminho do encontro como o outro, poderá ser vencido, quando se é capaz de aproximar e dialogar. Por isso ele se aproxima e dialoga com a mulher samaritana.

Leitor 1: No seu encontro com a samaritana, nota-se, que tanto Jesus quanto a mulher, vencem o preconceito sociocultural e religioso de sua época; Eles são capazes de superar as dificuldades de relacionamento, que havia entre judeus e samaritanos, e de fazer com que um homem e uma mulher sentassem juntos - atitude inadmissível em sua cultura - e estabelecessem diálogo fraterno e respeitoso.

Ref: Do que estava dividido, unidade Ele faz, do que estava dividido, unidade Ele faz.

Leitor 2: No chamado que o Senhor faz ao ser humano em vir ao seu encontro e em ir ao encontro do outro, para estabelecer uma relação de acolhida, amor, serviço e formar comunidade, o diálogo é algo irrenunciável, pois o diálogo autêntico proporciona: encontro, é capaz



de libertar do ódio, da divisão, da indiferença, da insensibilidade, do egoísmo e conduzir à vivência do amor, da paz, da união e do perdão.

Leitor 3: A atitude acolhedora de Jesus é também para nós, um convite a ultrapassarmos todas as barreiras que ainda nos dividem, que nos impede de sentarmos juntos e partilharmos as nossas vidas, sonhos e esperanças. Não podemos permitir que as diferenças raciais, culturais, religiosas, ideológicas, de classes, etc, nos separem e nos façam ver o outro como inimigo, mas como irmão que pensa diferente.

Ref: Do que estava dividido, unidade Ele faz, do que estava dividido, unidade Ele faz.

Leitor 4: Este diálogo de Jesus com a samaritana, é para nós, animadores(as) vocacionais, que vivemos em um contexto tão

marcado pela agitação, indiferença e competição, um convite a pararmos e sentarmos mais com os vocacionados(as), a fim de ouvir o que eles nos têm a dizer. Somos convocados a irmos ao encontro dos “poços”, e até mesmo a construímos “poços”, ou seja, espaços que gere encontro entre nós mesmos, e principalmente com Jesus.

Leitor 5: O encontro autêntico com Jesus, nos faz reconhecê-lo como o único Senhor da nossa vida. Leva-nos a deixar toda espécie de idolatria e a abraçar o seu projeto de vida e amor. Conduz-nos ainda, a sermos mensageiros da proposta salvífica de Jesus, lançando o convite aos nossos irmãos e irmãs a virem ao encontro de Jesus e a se tornarem discípulos e discípulas, a exemplo da samaritana.

Ref: Do que estava dividido, unidade Ele faz, do que estava dividido, unidade Ele faz.

6- MOMENTO DE PARTILHA:

1- Quais são os preconceitos que nós, animadores(as) vocacionais, carregamos em nosso serviço de animação vocacional e que precisamos vencê-los?

2- Que contribuição nós, enquanto animadores(as) vocacionais, temos dado, para que os vocacionados(as) possam dirigir-se ao poço que proporciona o encontro autêntico com Jesus?

3- E nós animadores(as) vocacionais, estamos e sabemos sentar no “poço” que nos faz encontrar com Jesus e reconhecê-lo como nosso Messias e Senhor, a exemplo da samaritana?

6- DINÂMICA: O ENCONTRO NO POÇO.

(Alguém vestido de Jesus, entra e senta ao lado do poço, e cada pessoa aproxima e diz a frase: “DÁ-ME DE BEBER!” Então a pessoa vestida de Jesus, retira do poço a água e entrega a cada participante que se aproxima. Enquanto esse gesto acontece, canta-se a música indicada a seguir).

Música: *Eu te peço dessa água que tu tens, es água viva meu Senhor, tenho sede...*

7- MOMENTO DE LOUVOR.

Leitor 1: Te Louvamos Deus Trindade, por nos ter criado tão diversos, com características diferentes, com pensamentos e atitudes diversas, tornando assim, a obra prima da tua criação tão rica e bonita.

Leitor 2: Te louvamos Deus Trindade, por todas as pessoas que, movidas pela fé e pelo exemplo de Jesus, buscam o diálogo ecumênico e religioso, a fim de tornar uma unidade, o que era dividido, na promoção do bem e da vida.

Leitor 3: Te louvamos Deus Trindade, por todos os animadores e animadora vocacionais, que são capazes de vencer as barreiras dos preconceitos, e acolher todas as pessoas, a fim de orientá-las na escuta, descoberta, resposta e vivência de uma vocação específica.

Canto: *Escolher um canto de agradecimento, louvor.*

8 – ORAÇÃO: PELA FIDELIDADE NA VOCAÇÃO E NA MISSÃO.

Iluminados e encorajados pela vossa Palavra, nós Vos pedimos, Senhor, por aqueles e aquelas que já seguiram e agora vivem o vosso chamamento. Pelos vossos Bispos, Presbíteros e Diáconos; pelos vossos Consagrados: irmãos e irmãs; pelos vossos Missionários e por aqueles cristãos Leigos e Leigas generosos, que atuam nos ministérios instituídos ou reconhecidos pela Igreja. Amparai-os nas dificuldades, confortai-os na perseguição, confirmai-os na fidelidade.

Nós vos pedimos, Senhor, por todos aqueles e aquelas que estão procurando abrir o seu coração ao vosso chamado, ou já se preparam para o seguir. Que a vossa Palavra os ilumine, o vosso exemplo os conquiste e a vossa graça os guie. Que para todos eles e elas,

Senhor, a vossa Palavra seja guia e sustentáculo, a fim de saberem orientar, aconselhar e amparar os irmãos e irmãs, com aquela força de convicção e de amor que Vós possuís e que só Vós podeis dar. Amém.

(Paulo VI)

9- BENÇÃO FINAL.

Animador(a): Vivamos com alegria nossa vocação e missão e ajudemos as outras pessoas, especialmente os jovens e às jovens, a descobrirem, assumirem e viverem a sua vocação. Deus Trindade nos abençoe: Ele que é Pai, Filho e Espírito Santo! Amém!

Canto final.



APENAS UM SONHO (continuação)

Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV

De início fiquei meio perplexo sem saber o que fazer. Aquela jovem do sonho apareceu e sumiu repentinamente. Não foi possível sequer ouvir sua voz, perguntar seu nome ou onde mora, o que fazia naquela tarde ensolarada numa praça ampla como aquela, ou, principalmente, o que queria ao apontar para o Mosteiro dos Beneditinos. Isso me deixou mais confuso do que eu já estava naquele sonho. Vá lá entender! Sonho é sonho! Mas, uma vez que ela tinha apontado para o Mosteiro, porque não ir lá? Afinal de contas, não tinha nada mesmo para fazer nem para onde ir! Era apenas um sonho! Sendo assim, tomei a decisão de ir. Porém, aquele sonho estava longe de ser algo tranquilo. Quando dei o primeiro passo na minha caminhada, ai de mim que estava calçando sandálias. Pisei num enorme caco de vidro e ganhei como brinde um corte na parte lateral do pé. E olha que o sangue correndo não era pouco! Foi então que ouvi uma voz me chamando: ‘ei jovem, o que você aprontou aí?’ Ao olhar na direção da voz, vi que era um pipoqueiro com seu carrinho a poucos passos de mim. Não o tinha visto antes; como é que ele apareceu tão repentinamente? eu estava muito lerdo naquele sonho! O pipoqueiro reclamava da falta de educação das pessoas que jogam vidro quebrado em qualquer lugar e esperam que a administração pública cuide de tudo. ‘Não se preocupe meu amigo, dizia ele, eu sempre tenho comigo um quite de primeiros socorros’. Voltando ao carrinho de pipocas, ele gritava ao jornaleiro, na banca ali próxima, para trazer água. No instante seguinte, aproximaram-se os dois com um balde cheio d’água e a caixinha de primeiros socorros; cuidaram de meu corte (lavaram, colocaram mertiolate, fizeram curativos) e depois, sorridentes, me aconselharam: ‘cuidado onde pisa jovem, esta cidade embora bela

tem andado meio suja, inclusive com cacos de vidro’. Após agradecer pelos cuidados e conselhos, segui meu caminho atravessando a rua devagar (na faixa de pedestre com semáforo fechado para os carros), pois não pretendia sofrer um acidente mais grave que um corte num caco de vidro. Fui em direção ao Espaço Itaú de Cinema Glauber Rocha, de onde pretendia seguir pela calçada até o Mosteiro. Como não tinha motivo algum para andar apressado, principalmente devido ao corte, decidi olhar a programação do cinema. Estava em cartaz um filme de ação que eu estava interessado em assistir, e o que é melhor ainda, para alguém pobre como eu, era gratuito somente naquele dia e horário. Mas, naquele momento me veio um pensamento: e o Mosteiro? Se eu entrar vou acabar não indo ao Mosteiro hoje. Vai que aquela jovem aparece por lá e permite eu conversar com ela. Decidi então seguir rumo ao destino inicial e deixar o cinema para outro dia, mesmo que tenha de pagar. Entretanto, as surpresas do sonho não pararam por aí. Que sonho movimentado foi esse, dizia comigo mesmo. Foi apenas me virar na direção do Mosteiro e ouvi alguém chamando: ‘uma caridade pelo amor de Deus!’



Novamente, voltando a atenção à psicopedagoga, interrompi a narração e abri os olhos, agora com menos receio sobre o que iria encontrar. Ela continuava lá do mesmo modo que no início: sentada, atenta, silenciosa, sorridente. Mas desta vez ela disse algo: ‘que sonho maravilhoso o seu, cheio de emoção, mas, se você não estiver cansado continue’. Respondi que queria continuar, mas fiquei preocupado com o tempo. Ela apenas me respondeu: ‘esqueça o tempo, apenas viva-o’. Diante disso, fechei mais uma vez os olhos, porém agora mais suavemente, e continuei a narração.

O pedinte repetiu: ‘uma caridade pelo amor de Deus!’ Olhei para ele e disse, olha meu amigo, me perdoe mas não tenho dinheiro, sou pobre embora não tanto quanto você. Veja meus bolsos! Neste momento coloquei minhas mãos nos bolsos da bermuda para puxa-los para fora e mostrar ao pedinte que nada tinha. Mas que surpresa a minha. Só num sonho mesmo poderia acontecer algo assim! O que não faltou caindo pelos bolsos foi dinheiro. Cédulas de diversos valores e moedas. Tinha até dólar e euros. O pedinte, alegre com aquilo, é claro, me olhou nos olhos, percebeu minha admiração diante do acontecido e simplesmente disse: ‘amigo, você é rico e não percebe isso! Deixa de dar porque pensa não ter!’ Mal o pedinte acabou de falar, ouvi um grito ao meu lado. Olhei assustado na direção de onde veio o grito e vi uma pessoa no chão com o pé sangrando ao lado de um caco de vidro. Olhei para o alto, decepcionado com um povo que joga caco de vidro em qualquer lugar, e exclamei: ‘meu Deus! Que povo é esse!’ Entretanto, não perdi tempo reclamando da falta de educação das pessoas e nem da administração pública. Queria apenas colaborar, como aliais o pipoqueiro e o jornalista haviam colaborado comigo. Tinha certeza, embora fosse apenas um sonho, que não iria encontrar nos bolsos de minha bermuda, um balde d’água e uma caixa de primeiros socorros, mas não me

faltava a disposição para ajudar. Após falar com o acidentado, fui procurar o pipoqueiro e o jornaleiro para pedir ajuda. Entretanto, quando estava preparado para atravessar a rua, apareceu uma jovem. Ual! Que jovem! Loira, usando um vestidinho vermelho, maquiada e sorridente, embora seus olhos não brilhassem como os de uma pessoa que se alegra verdadeiramente ao ver uma pessoa amiga. ‘Oi garoto, eu acho que te conheço’, dizia-me ela. ‘Desculpa te incomodar, mas você pode me informar onde fica a Avenida Carlos Gomes?’ Com um sorriso lhe indiquei o destino solicitado, ao que ela agradeceu e rumou na direção indicada. Quando me preparei para atravessar a rua, me espantei, pois o pipoqueiro não estava mais lá e a barraca do jornaleiro já estava fechada. Decepcionado comigo mesmo, voltei na direção da pessoa que havia sofrido o corte, mas me espantei novamente, pois ela não estava mais lá. Neste instante, olhei ao redor e me dei conta que estava numa Praça Castro Alves completamente deserta, nem um pé de gente. Nada de pipoqueiro, jornaleiro, pedinte, acidentado ou loira. Nada do barulho costumeiro advindo daquele movimentado ponto comercial e turístico. Nem sequer um carro passando ou pássaro cantando nas poucas árvores ainda existentes. Um deserto total comigo perdido nele, embora houvesse uma direção na qual eu sabia que deveria ir. Foi neste instante que eu pensei algo como: o tempo passou e eu não o vivi.

Abri novamente os olhos contemplando o mesmo cenário anterior, pois, aquela sala, suas mobílias, eu e a psicopedagoga não éramos sonhos. Fiz um silêncio e olhei-a, acreditando que ela iria apresentar algum comentário, mas ela continuou calada. Seu olhar, sorriso e postura apenas me diziam: continue, estou aqui! Desta vez, sem fechar os olhos, pois já estava suficientemente confortável e confiante, continuei a narração de meu sonho:

(continua na próxima edição)

